



VI Congresso Internacional de Educação - Neurociência e educação - Entrelaçamentos entre saúde, aprendizagem e envelhecimento



QUANDO A INFÂNCIA ENTRA EM CENA: Diálogos entre Cinema e Sociologia da Infância

Eloisa Chavier da Silva¹
UFMS-CPAQ
Eloisa.chavier@ufms.br¹

Janaina Nogueira Maia Carvalho²
UFMS-CPAQ
janaina.maia@ufms.br²

RESUMO

O presente texto discute uma experiência desenvolvida no âmbito do Projeto de Extensão Criança/s e Infância/s no Cinema, iniciativa vinculada ao GEPCI (Grupo de Estudos e Pesquisas Criança e Infância – UFMS/CPAQ) e em diálogo com o Projeto de Pesquisa A Sociologia da Infância: mídias, escola, cinema, linguagens e diálogos interdisciplinares. A proposta integra ações que procuram compreender as infâncias como construções sociais e históricas, reconhecendo as crianças como sujeitos pertencentes a uma geração específica e participantes ativos da vida social. O trabalho envolve estudantes de Pedagogia e profissionais da Educação Infantil e do Ensino Fundamental da rede pública de Aquidauana/MS, incentivando a produção de novos conhecimentos no campo da Sociologia da Infância. As atividades formativas desenvolvidas nesses projetos incluem estudos teóricos, discussões coletivas e práticas educativas que estimulam novas concepções sobre criança/s e infância/s, além de favorecerem processos de planejamento pedagógico mais sensíveis ao protagonismo infantil. Nesse

percurso, o cinema é incorporado como instrumento formativo pela sua capacidade de provocar reflexões a partir de representações e ressignificações da realidade, ampliando o repertório cultural e analítico dos participantes. No contexto da Extensão, o uso da linguagem cinematográfica ocorre em ações junto a crianças, possibilitando que elas experienciem essa forma de expressão como recurso estético, crítico e comunicativo. A articulação entre cinema, infância e educação, assim, amplia a compreensão das múltiplas formas de viver e interpretar o mundo, ao mesmo tempo em que fortalece práticas profissionais sustentadas por perspectivas interdisciplinares, sensíveis às culturas e modos de ser das crianças.

Palavras-chave: Criança. Infância. Cinema.

ABSTRACT

This text discusses an experience developed within the scope of the Extension Project "Children and Childhood in Cinema," an initiative linked to GEPCI (Children and Childhood Studies and Research Group – UFMS/CPAQ) and in dialogue with the Research Project "The Sociology of Childhood: media, school, cinema, languages and interdisciplinary dialogues." The proposal integrates actions that seek to understand childhoods as social and historical constructions, recognizing children as subjects belonging to a specific generation and active participants in social life. The work involves Pedagogy students and professionals from Early Childhood Education and Elementary Education in the public school system of Aquidauana/MS, encouraging the production of new knowledge in the field of the Sociology of Childhood. The formative activities developed in these projects include theoretical studies, collective discussions, and educational practices that stimulate new conceptions about children and childhood, in addition to favoring pedagogical planning processes that are more sensitive to children's protagonism. Throughout this process, cinema is incorporated as a formative tool due to its capacity to provoke reflection through representations and resignifications of reality, expanding the cultural and analytical repertoire of the participants. In the context of Extension programs, the use of cinematic language occurs in activities with children, allowing them to experience this form of expression as an aesthetic, critical, and communicative resource. The articulation between cinema, childhood, and education thus broadens the understanding of the multiple ways of living and interpreting the world, while simultaneously strengthening professional practices supported by interdisciplinary perspectives, sensitive to the cultures and ways of being of children.

Key words: Child. Childhood. Cinema.

1. INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade a Sociologia da Infância é, um espaço no cenário sociológico, evidenciando a subjetividade e a ação das crianças, considerando, a infância como estrutura social. Dessa forma, esse campo científico e teórico cada vez mais se apresenta de forma contemporânea e diversificada.

A partir de estudos dos últimos anos novos conceitos e abordagens próprias foram surgindo, compondo uma nova sociedade nos possibilitando avanços culturais e sociais da infância na atualidade.

Souza (2007, p. 07), ilustra que, “a criança é sujeito social, investigado, observado e compreendido a partir de perspectivas investigativas e teóricas distintas”. Segundo a autora, os estudos com/sobre as crianças/infâncias marcam hoje uma relação do dia a dia das crianças com outras crianças, com seus familiares, e, aparecem também nos discursos e reflexões teóricas de perspectivas da antropologia histórica, da filosofia, da psicologia, e emergem dos olhares e lugares que os adultos assumem quando se referem em como pensam as crianças e suas infâncias.

A criança passou a ser considerada como cidadã dotada de capacidade para ser titular de direitos. Tal movimento instituiu uma pressão, no sentido de reconhecimento do estatuto social e político da criança e promoveu, no espaço jurídico de cada país, uma determinada uniformização, uma vez que a legislação dos países signatários precisou ser alterada pelo menos do ponto de vista científico, teórico e simbólico. O caráter de universalidade produziu efeito à infância, visto que assegurou normas comuns de valores com um estatuto de reconhecimento universal. O Estado passou então a ter a obrigação de proteger, não cabendo apenas à família essa função. Tais alterações refletiram na investigação científica sobre as crianças e a infância, o que ocorreu especialmente a partir de 1980.

A Sociologia da Infância, em razão dessa ilustração acima, se apresenta como grande crítica à sociologia tradicional, opondo-se às concepções de que a criança precisa ser socializada pelo adulto (Sirota, 2001; Montandon, 2001), ou seja, a criança deveria ser treinada para manter o equilíbrio da coletividade, adaptando-se aos valores comuns da sociedade dominante.

Corsaro (2007; 2009 e 2011), apresentou uma nova abordagem ao conceito de socialização da infância, e a chamou de “reprodução interpretativa”. Interpretativa, por acreditar que as crianças por meio de sua participação na sociedade, criam novas culturas de pares, através da apropriação das informações do mundo adulto. A reprodução diz respeito à incorporação e contribuição das crianças ativamente para a produção e mudança cultural, ou seja, as crianças são afetadas e também afetam a sociedade e a cultura.

Neste viés e, devido a uma série de mudanças na sociedade contemporânea, entre elas as diferentes formas de vida familiar, a Sociologia da Infância acontece. As mudanças mostraram que a ideia de infância já não era mais condizente com as necessidades da sociedade, pois as famílias já não vivem mais em um padrão estereotipado (Prout, 2010).

Destaca-se aqui, a relevância de estudar a Sociologia da Infância com docentes da Educação Básica (Educação Infantil e Ensino Fundamental I), bem como acadêmicos/as de Pedagogia para, fomentar profissionais que avancem em inovações, planejamentos e acima de tudo, tenham novas concepções de criança e sua/s infância/s.

E, este texto, apresenta um dos projetos, para validar a prática, por meio da Extensão, envolvendo o Cinema, enquanto recurso que reproduz imagens da realidade ou cria imagens que levam à reflexão e abstração dessa mesma realidade. Deste modo, as relações estabelecidas entre o cinema, a infância e a educação nos convidam a aprender sobre nós mesmos, tomando seriamente outras culturas, outros olhares, outros modos de pensar, sentir e ser. A intenção de oportunizar a linguagem artística do cinema, aliada ao aprofundamento teórico e participação das crianças pode, assim, contribuir na construção de outras possibilidades de formação para profissionais que trabalham com criança/s e sua/s infância/s.

2. DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES E REFLEXIVOS: A SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA EM QUESTÃO

O tema infância e criança tem, nas últimas décadas, exigido especial atenção das políticas públicas, sobretudo após a promulgação dos Direitos das Crianças (1989), no Brasil e em grande parte do mundo. Tal marco histórico assinala um período de transformações nas concepções dessas categorias no contexto escolar, familiar, midiático e em outros espaços sociais. Entretanto, até pouco tempo atrás, as crianças eram (ou ainda são) percebidas de modo socialmente negativo, uma vez que eram vistas como “indivíduos incapazes” de compreender e interagir com a realidade que as cerca, o que, por conseguinte, lhes nega o direito de participação na sociedade.

Atualmente, o que se coloca no centro das discussões sobre a infância, as crianças contemporâneas e sua educação (tanto escolar quanto familiar) é a reflexão acerca das novas e antigas concepções que envolvem esses sujeitos, hoje reconhecidos pela legislação como cidadãos dotados de direitos e deveres.

Pesquisas apontam que, na década de 1980, o surgimento dos chamados novos estudos sociais da infância (como a sociologia da infância e a antropologia da criança) inaugurou um novo paradigma na análise da infância e das crianças: atualmente, a infância é entendida como uma construção social (histórica e cultural) e as crianças são reconhecidas como atores sociais. No entanto, nem sempre foi dessa forma, pois, durante longos períodos (até o início da Modernidade), elas permaneceram invisíveis aos olhos da sociedade, sem que houvesse interesse em saber como viviam ou o que faziam.

Nessa perspectiva, P. Ariès, na década de 1960, evidenciou a arte pictórica como uma das formas de sustentar sua tese acerca da construção social da infância. Esse momento histórico marca o período em que as crianças passam a integrar, nas telas dos artistas da época

e ao lado dos membros da família, representações da “vida íntima” ou privada. Desse modo, é a partir da centralidade e da importância que a criança passa a ocupar nos chamados “retratos de família” que o historiador fundamenta o seu argumento.

A infância não constitui uma categoria natural, mas é essencialmente histórica e cultural. Durante a Idade Média, a ideia de infância era inexistente. Até o século XII, não se encontravam representações artísticas da infância, o que não se explica simplesmente por falta de habilidade ou competência técnica. “É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo” (Áries, 1981, p.17).

Naquele período, a condição de adulto-criança era comum, principalmente porque, diante da ausência de alfabetização, de instituições escolares e de civilidade, não se exigia disciplina ou aprendizado específico para atingir a vida adulta. Partia-se de um contexto social no qual brincadeiras e vestimentas eram compartilhadas entre adultos e crianças, sem distinção clara entre eles. Pouco depois de começar a andar e falar, as crianças integravam-se à vida comunitária, aprendendo com seus pais ofícios e artesanatos. Não existia vergonha nem segredo em relação às crianças; tudo era público e plenamente acessível a elas.

Ariès denominou esse fenômeno de “despudor” (idem, p.75). No âmbito do quadro teórico da Sociologia da Infância, é viável conceber a elaboração de um Projeto de Extensão universitária que coloque a imagem da/s infância/s e das crianças em movimento; isto é, por meio da linguagem cinematográfica, promover o diálogo com a comunidade ou a sociedade sobre um tema tão emergente. Na contemporaneidade, a Sociologia da Infância constitui-se como um espaço dentro do campo sociológico, evidenciando a subjetividade e a ação das crianças, ao considerar a infância como uma estrutura social. Desse modo, esse campo científico e teórico apresenta-se cada vez mais de forma atual e diversificada.

Diante dos estudos conduzidos nos últimos anos, novos conceitos e abordagens próprias emergiram, configurando uma nova sociedade e possibilitando avanços culturais e sociais no âmbito da infância contemporânea. Constatou-se, portanto, que, após a Segunda Guerra Mundial, o movimento em defesa dos direitos das crianças ganhou destaque e recebeu significativo reforço com a aprovação da Convenção Internacional dos Direitos da Criança (UNICEF, 1989), o documento jurídico internacional mais amplamente reconhecido no mundo.

Dessa forma, a criança passou a ser compreendida como cidadã, dotada de capacidade para ser titular de direitos. Esse movimento instituiu uma pressão no sentido de reconhecimento do estatuto social e político da criança e promoveu, no âmbito jurídico de cada país, certa uniformização, já que a legislação dos Estados signatários precisou ser adaptada, ao menos do ponto de vista científico, teórico e simbólico. O caráter de universalidade produziu efeitos sobre

a infância, assegurando normas comuns de valores com um estatuto de reconhecimento global. O Estado passou, então, a ter a responsabilidade de proteger a criança, não cabendo apenas à família essa função. Essas transformações repercutiram na investigação científica sobre as crianças e a infância, especialmente a partir da década de 1980.

Ainda nessa mesma década, alguns sociólogos voltaram-se para o estudo da infância, influenciados pelas perspectivas interpretativas e construtivistas, pelos direitos das crianças, pelos movimentos sociais infantis e pelos movimentos feministas. A partir desse contexto, desenvolveu-se uma “reconceitualização da socialização, considerada não mais como um processo unilateral, e as publicações se multiplicaram nos países de língua inglesa e francesa” (Montandon, 2001, P.132).

Em decorrência disso, a Sociologia da Infância configura-se como uma crítica contundente à sociologia tradicional, contrapondo-se à ideia de que a criança precisa ser socializada pelo adulto (Sirota, 2001; Montandon, 2001); ou seja, de que ela deve ser treinada para preservar o equilíbrio da coletividade, adaptando-se aos valores compartilhados pela sociedade dominante.

Em contraposição à sociologia clássica, a Sociologia da Infância consolida-se como um campo de investigação que propõe compreender a infância como uma construção social específica, dotada de sua própria cultura e singularidade. Nessa perspectiva, alguns autores manifestaram discordância em relação ao conceito de socialização que retratava as crianças como “meros fardos sociais” (Corsaro, 2011, p.23).

Corsaro (2007; 2009; 2011) apresentou uma abordagem inovadora ao conceito de socialização da infância, denominada “reprodução interpretativa”. O termo interpretativa reflete a compreensão de que as crianças, por meio de sua participação na sociedade, produzem novas culturas de pares ao apropriá-las das informações do mundo adulto. A reprodução diz respeito à incorporação e à contribuição ativa das crianças para a produção e transformação cultural; ou seja, elas são simultaneamente influenciadas pela sociedade e exercem influência sobre ela.

Nesse contexto, e em decorrência de uma série de transformações na sociedade contemporânea, incluindo as diferentes configurações familiares, a Sociologia da Infância consolida-se como campo de estudo. Essas mudanças evidenciaram que a concepção tradicional de infância já não atendia às necessidades da sociedade, uma vez que as famílias deixaram de seguir um padrão estereotipado (Prout, 2010).

Dessa forma, destaca-se a importância de estudar a Sociologia da Infância junto a docentes da Educação Básica (Educação Infantil e Ensino Fundamental I), assim como com acadêmicos/as de Pedagogia, com o objetivo de formar profissionais capazes de promover

inovações, desenvolver planejamentos e, sobretudo, construir novas concepções sobre a criança e sua/s infância/s.

3. CRIANÇA/S E INFÂNCIA/S NO CINEMA: AÇÕES CURRICULARES DE EXTENSÃO

O projeto tem a criança como eixo central das narrativas e tem como objetivo estimular a reflexão sobre a infância e os modos de vida das crianças por meio da linguagem cinematográfica, reconhecendo a construção histórica, cultural e social da infância e a forma como esta é vivida em diferentes contextos sociais ao redor do mundo. A proposta busca oferecer, por intermédio das linguagens do cinema e das Ciências Sociais, oportunidades para a construção de novas formas de compreender a/s infância/s e as crianças, junto a profissionais que atuam na área da Educação e em outras áreas que lidam com questões sociais, políticas e jurídicas relacionadas à infância.

Na programação, incluem-se documentários e filmes que abordam as relações intergeracionais (entre o mundo infantil e o adulto) nos diversos espaços sociais, como família, escola e ruas; além de filmes que exploram o universo infantil e a interação entre pares na construção das chamadas “culturas infantis”. Em suma, são filmes que tratam tanto da infância normatizada (aquela restrita às instituições) quanto da infância “hors de norme” (crianças que trabalham, que vivem nas ruas ou que sofrem algum tipo de violência ou exploração), proporcionando análise e debate, bem como atividades que ampliam o conhecimento das crianças e dos/as docentes participantes do projeto.

A escolha de abordar a(s) infância(s) e a(s) criança(s) por meio da linguagem cinematográfica, enquanto recurso capaz de reproduzir imagens da realidade ou de criar representações que promovem a reflexão e a abstração dessa mesma realidade, justifica-se pelo fato de que o cinema constitui um instrumento de formação cultural, aproximando o ser humano da complexidade do mundo.

O cinema constitui um veículo capaz de provocar reflexão e possibilitar transformação, na medida em que integra múltiplas dimensões humanas (ética, política e estética) que influenciam diretamente a forma como expressamos nossas posturas cotidianas e políticas em relação às concepções de infância, criança e educação. Nesse contexto, diversas concepções sobre a criança, frequentemente contraditórias, atravessam a sociedade contemporânea. Como ressalta Pinto (1997, p. 33-34), “uns valorizam aquilo que a criança já é e que a faz ser, de fato, uma criança”; outros, ao contrário, destacam aquilo que lhe falta e o que ela poderá (ou deverá)

vir a ser. Alguns defendem a importância da iniciação ao mundo adulto; outros enfatizam a necessidade de proteção frente a esse mundo. Alguns percebem a criança como agente dotado de competências e capacidades; outros realçam suas carências.

Sabe-se que criança e infância são construções sociais, históricas e culturais, moldadas nos diferentes contextos em que se manifestam e influenciadas por múltiplas variáveis, como etnia, classe social, gênero e condições socioeconômicas às quais as crianças pertencem. Nesse sentido, a análise de filmes com temáticas relacionadas à criança, à infância e à educação oferece aos educadores e educadoras a oportunidade de refletir, debater e promover transformações em paradigmas estabelecidos.

Entende-se que a estética e a técnica do cinema podem contribuir para a reflexão sobre as diferentes formas de viver a infância e para a re/construção de olhares diversificados sobre a criança. Nesse contexto, o cinema é concebido como uma arte que, por meio de sua linguagem própria, proporciona uma experiência estética capaz de favorecer uma leitura crítica de determinadas realidades. Dessa forma, o cinema configura-se como “[..] uma expressão do olhar que organiza o mundo a partir de uma ideia sobre esse mundo” (Teixeira; Lopes, 2003, p.10). No âmbito cinematográfico, encontramos, portanto, a “educação do olhar”, uma vez que “O cinema olha a infância e nos ensina a olhá-la... em silêncio” (Larossa, 2005).

Nesse sentido, compreendemos o cinema como arte, sem restringi-lo a uma manifestação da “indústria cultural”. Também não pretendemos, a exemplo de Teixeira e Lopes (2003), “escolarizar” ou “didatizar” o cinema, utilizá-lo como pretexto para “ensinar”, mas sim como meio de explorar e suscitar a reflexão sobre problemas complexos e contemporâneos. Isso se deve ao fato de que o cinema permite romper com as formas naturalizadas de agir no cotidiano e de compreender a realidade.

Consideramos, assim, o cinema como uma condição de possibilidade, atuando como mediador e até amplificador da vivência, na medida em que o espectador se identifica com as personagens e, por meio da imaginação, consegue projetar-se em diferentes papéis, espaços, tempos e estados de ânimo, aproximando-se de realidades muitas vezes muito distintas daquelas que conhece. A experiência cinematográfica permite, ainda, estabelecer uma ponte entre nossa realidade presente e a própria infância.

Dessa forma, as relações entre cinema, infância e educação nos convidam a aprender sobre nós mesmos, levando em consideração outras culturas, perspectivas e modos de pensar, sentir e existir. No entanto, não é apenas o que essas relações afirmam que constitui sua principal contribuição, mas também o que ainda questionam, inquietam e desacomodam, estimulando-nos a buscar ativamente novas e mais profundas formas de relação.

A proposta de oportunizar a linguagem artística do cinema, combinada com o aprofundamento teórico e a participação das crianças nas discussões, pode contribuir para o fortalecimento do conhecimento relacionado aos novos estudos da Sociologia da Infância. Isso significa refletir sobre a concepção de infância(s) e criança(s) na contemporaneidade, apresentando novas perspectivas que consideram a criança como agente produtora de cultura e integrante de uma categoria geracional. As culturas da infância configuram-se como tema recorrente nos estudos contemporâneos, assim como os conceitos de infância e criança, na medida em que buscam promover mudanças de olhar em defesa dos direitos das crianças nos diferentes espaços sociais que ocupam.

Nessa perspectiva, abre-se a possibilidade de construir novos conceitos e de suscitar reflexões e práticas pedagógicas por meio da análise de filmes com temáticas relacionadas à criança, à infância e à educação, como já foi salientado anteriormente.

Destacamos, ainda, que a estética e a técnica do cinema podem contribuir para diferentes formas de pensar, planejar e vivenciar atividades, possibilitando a re/construção de olhares diversificados sobre a criança.

Neste projeto, a criança e a infância são abordadas a partir de uma perspectiva histórica e cultural, evidenciando não apenas sua presença nos estudos sociológicos, mas também o papel da infância nesse campo de investigação. Essa abordagem permite contemplar diferentes pensamentos e perspectivas acerca do processo de socialização e das maneiras de compreender as crianças e suas respectivas infâncias. Nesse contexto, anexamos registros da participação de nossa equipe na abertura dos projetos de extensão coordenados pela professora Janaina Maia, nos quais esteve presente também a equipe escolar que acolhe o desenvolvimento do projeto.

Imagem 01 - Equipe na abertura dos projetos.



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Imagem 02 - Equipe e professoras da instituição na abertura dos projetos.



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

4. AÇÕES CURRICULARES DE EXTENSÃO: METODOLOGIA E EXPERIÊNCIAS

Os estudos são realizados por meio de leituras de autores, críticos e teóricos relacionados ao universo escolhido. As ações curriculares de extensão ocorrem por meio da compreensão, reflexão, interpretação e diálogo. O projeto conta com a participação de acadêmicos/as voluntários/as, tanto de bolsa permanência quanto de iniciação científica, envolvidos em atividades definidas em planos de trabalho, assim como com a colaboração de professores/as da Rede Pública do município de Aquidauana/MS.

O Projeto, sublinha a criança como ponto central das narrativas e, como propósito, o estímulo à discussão sobre a infância e os modos de vida das crianças a partir da linguagem cinematográfica, reconhecendo a construção histórica, cultural e social da infância e as diferentes formas como ela é vivida em distintos contextos sociais ao redor do mundo.

A metodologia proposta para a execução das ações foi planejada com base nos estudos da abordagem da Sociologia da Infância, contribuindo para a formação de recursos humanos, a consolidação da base científica da sétima arte e o fortalecimento dos grupos e redes de pesquisa da UFMS. Busca-se, assim, consolidar a articulação entre a academia, o setor público municipal e seus profissionais da Educação, promovendo o desenvolvimento tecnológico e a inovação na área da Sociologia da Infância.

A intenção deste projeto é oportunizar, por meio das linguagens e da arte do cinema articuladas às ciências sociais, a construção de novas possibilidades de compreensão da(s) infância(s) e das crianças. Serão explorados filmes que abordam temas como a amizade, as relações intergeracionais (entre o mundo infantil e o adulto) nos diversos espaços sociais (família, escola, ruas), bem como produções que tratam do universo infantil e da interação entre pares na construção das chamadas “culturas infantis”. Para a execução das ações, é elaborado um cronograma com os curtas-metragens que serão trabalhados, definindo as equipes de participantes do projeto responsáveis por cada atividade. Pensando nisso, deixamos em anexo o nosso cronograma deste ano de 2025.

Tabela 01 - Cronograma de ações do projeto de 2025.

Dia	Mês	Curta	Assunto Trabalhado
27	Junho	A ilha do lixo	Mostra a trajetória de uma garrafa de plástico desde a cidade até o mar, alertando sobre o consumo irresponsável e os impactos ambientais.
11	Julho	Filme: Porque Heloisa	Acompanha o primeiro dia de aula de uma menina com paralisia cerebral, convidando à reflexão sobre inclusão e solidariedade.
08	Agosto	A carta	Acompanha o carteiro Claude, que aprende sobre persistência e humildade ao enfrentar dificuldades na entrega de correspondências.
22	Agosto	Teo, o menino azul	Teo enfrenta injustiças do mundo e percebe que a mudança depende de suas próprias ações e escolhas.
19	Setembro	Os fantásticos livros voadores do sr. More Lessmore	Revela o poder transformador da leitura, com Morris cuidando de livros e distribuindo conhecimento após uma tragédia.
03	Outubro	Cuerdas	Narra a amizade de uma menina que inclui um colega com paralisia cerebral nas brincadeiras escolares, destacando empatia e solidariedade.
31	Outubro	O menino que engoliu o choro	Explora a expressão das emoções de uma criança que guarda seus

			sentimentos, refletindo sobre comunicação e acolhimento afetivo.
14	Novembro	Quando eu crescer	Aborda sonhos e expectativas da infância sobre o futuro, incentivando reflexão sobre identidade e escolhas pessoais.
28	Novembro	Alike	Mostra a rotina mecânica de pai e filho em uma cidade cinzenta, refletindo sobre a perda da criatividade e a importância da imaginação.

Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

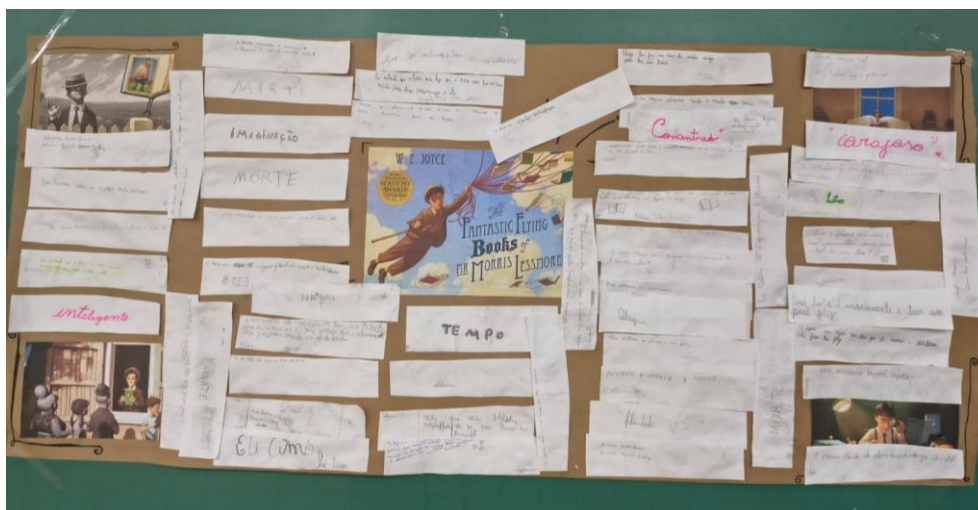
As ações são desenvolvidas no anfiteatro da UFMS, no campus de Aquidauana, de forma quinzenal, com duas turmas de 5º ano do Ensino Fundamental. Nesses encontros, as crianças têm a oportunidade de assistir a filmes e curtas-metragens e, além disso, de refletir sobre temáticas relevantes por meio da ludicidade. Tais temáticas podem ser sugeridas pelos(as) professores(as) para serem trabalhadas com as turmas ou propostas pelos(as) acadêmicos(as) participantes deste projeto. Após as exhibições, são realizadas atividades a partir do que foi assistido, promovendo momentos de interação, reflexão e debate, nos quais as crianças expressam suas percepções e compreensões sobre o que viram. Em anexo, apresentam-se registros das ações realizadas no ano de 2025.

Figura 03 - Materiais usados em nosso primeiro dia de ação.



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Figura 04 - Atividade sobre o curta “Os fantásticos livros voadores do Sr. Morris Lessmore”.



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Figura 05 - Atividade sobre o curta “O menino que engoliu o choro”.



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Figura 06 - Atividade sobre o curta “A ilha do lixo”.



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Figura 07 - Atividade sobre o curta “A ilha do lixo”.



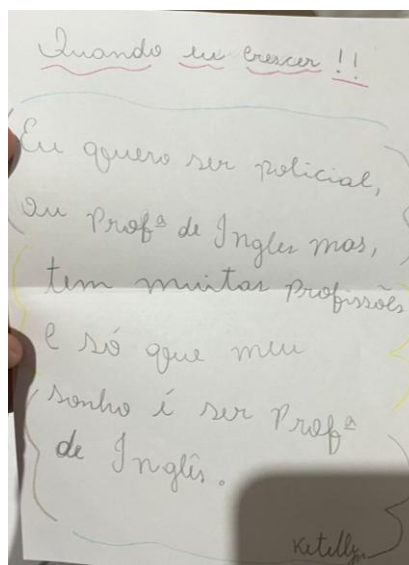
Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Figura 08 - Atividade sobre o curta “A ilha do lixo”.



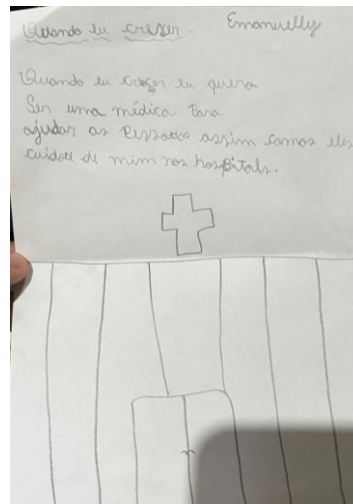
Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Figura 09 - Atividade sobre o curta “Quando eu crescer”.



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Figura 10- Atividade sobre o curta “Quando eu crescer”.



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO: VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS

As vivências e aprendizagens adquiridas nas ações do Projeto evidenciam a efetividade dos objetivos e planejamentos, reforçando a integração entre teoria e prática. Tivemos como resultado importantes devolutivas das crianças e das professoras por meio das atividades desenvolvidas e dos depoimentos coletados. Ilustramos a seguir, o depoimento de duas crianças participantes do Projeto:

Eu me senti muito feliz participando do projeto Cinema na Escola, porque foi divertido assistir aos curtas na universidade. Eu aprendi coisas novas, pude conversar sobre os filmes e ainda ganhei pipoca! Sair da escola e ir para a universidade é muito legal! (Criança 01, informação escrita).

No projeto Cinema na Escola eu me sinto muito confortável, os filmes que eles passam são muito legais, a pipoca, as tarefas, tudo muito legal. Além do mais, lá aprendemos várias coisas, e espero que o projeto nunca acabe, porque lá é onde surge a minha imaginação. Parabéns pelo ótimo trabalho de vocês (Criança 02, informação escrita).

A primeira criança destaca o quanto gostou do projeto, a relevância das atividades propostas e a importância do ambiente acolhedor, incluindo a pipoca oferecida durante as sessões. A segunda criança reforça o sentimento de conforto e aprendizado, evidenciando o impacto do projeto na imaginação e na motivação para participar das atividades.

A participação dos estudantes foi uma experiência extremamente gratificante. Desde a escolha dos filmes até os diálogos e produções realizadas após as sessões, foi evidente o quanto essas atividades despertaram interesse, curiosidade e envolvimento. Muitos estudantes

relataram aguardar ansiosamente pelo dia do projeto, o que demonstra o engajamento e a satisfação com as ações propostas.

Uma das professoras participantes do Projeto, nos relatou a importância do projeto e o entusiasmo das crianças:

“[...] nos dias reservados à atividade, as crianças se apresentam ansiosas pelo momento. Durante as exposições, participaram ativamente dos debates e das produções inspiradas nos trechos apresentados [...] Vale destacar, ainda, que os estudantes demonstraram entusiasmo com o ambiente descontraído criado para as sessões, especialmente com a pipoca oferecida, que tornou o momento ainda mais prazeroso e significativo [...]” (Professora, informação escrita).

Essa devolutiva evidencia que o projeto alcança seus objetivos, promovendo aprendizado significativo e consolidando a proposta de trabalhar a infância e a criança por meio da linguagem cinematográfica. O cinema, enquanto recurso que reproduz e cria imagens da realidade, revela-se um instrumento de formação cultural, capaz de aproximar os estudantes da complexidade do mundo e de estimular novos olhares sobre sua própria experiência.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto apresenta as experiências desenvolvidas nos Projetos Pesquisa da UFMS/CPAQ: A Sociologia da Infância: mídias, escola, cinema, linguagens e diálogos interdisciplinares, a partir das discussões do GEPCI (Grupo de Estudos e Pesquisas Criança e Infância – UFMS/CPAQ), que integra também o Projeto de Extensão: Criança/s e Infância/s no Cinema: ações curriculares de extensão. Esse projeto permite que crianças da rede pública municipal vivenciem o cinema como experiência lúdica de aprendizagem, envolvendo emoções, interesses e saberes.

As ações de extensão validam práticas pedagógicas, utilizando o cinema como recurso que reproduz ou cria imagens da realidade, estimulando reflexão e abstração. Dessa forma, o cinema possibilita o contato com outras culturas, perspectivas e modos de sentir, pensar e ser, contribuindo para a formação de profissionais que atuam com crianças e suas infâncias.

As vivências do projeto evidenciam a eficácia da metodologia, com devolutivas positivas das crianças e dos professores(as). As ações são essenciais para a (des)construção da identidade das crianças, pois apresentam novos conceitos por meio de filmes e curtas-metragens, ao mesmo tempo em que permitem que elas se expressem livremente, fortalecendo sua participação, criatividade e desenvolvimento integral.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

CORSARO, W. A. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (Org.). Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2007.

CORSARO, W. A. Sociologia da infância. Porto Alegre: Artemed, 2011.

CORSARO, W. A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. Educação e Sociedade, Campinas, SP, v. 26, n. 91, p. 443-464, maio/ago.2009.

LARROSA, Jorge. Poéticas da diferença: imagens cinematográficas da infância. 2005.

Disponível em:

[ttp://sentidos.uol.com.br/canais/materia.asp?codpag=8557&codtipo=2&subcat=32&canal=mercado](http://sentidos.uol.com.br/canais/materia.asp?codpag=8557&codtipo=2&subcat=32&canal=mercado)>. Acesso em 15.novembro.2024

MONTANDON, C. Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 112, p. 33-60, mar. 2001.

PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel. As crianças Contextos e Identidades – Processos de mediação com crianças em idade pré-escolar. Braga: Universidade de Minho. Centro de estudos da criança, 1997.

PROUT, A. Reconsiderar a nova sociologia da infância: para um estudo multidisciplinar das crianças: Ciclo de Conferências em Sociologia da Infância 2003/2004. Braga, PT: IEC, 2010

SOUZA, Gisele. A criança em perspectiva: o olhar do mundo sobre o tempo infância. São Paulo: Cortez, 2007

SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 112, p. 7-31, mar. 2001.

TEIXEIRA, I. A. C.; LARROSA, J.; LOPES, J. S. M. Olhar a infância. In: TEIXEIRA, I. A. C.; LARROSA, J.; LOPES, J. S. M. (org.). A infância vai ao cinema. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 11–25.

UNICEF, Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acesso em: 10.Nov. 2024.